

ARTIGO

JOVENS HOMENS E A VIOLÊNCIA NA CIDADE: AS RELAÇÕES ENTRE SEXUALIDADE E ESPACIALIDADE URBANA NA AMAZÔNIA PARAENSE

PEDRO ISRAEL MOTA PINTO

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Ensino na Amazônia pelo Instituto Federal do Pará (IFPA) e Pós-Graduado em Promoção de Políticas Públicas em Gênero e Sexualidade na Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Cria da Terra Firme e Tio da Clarice.

País: Brasil **Estado:** Pará **Cidade:** Belém

E-mail: pedromota777@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-8812-693X>

CLAY ANDERSON NUNES CHAGAS

Professor da Universidade do Estado do Pará participa dos Programas de Pós-graduação em Geografia (PPGG/UEPA) e Segurança Pública (PPGSP/UFPA) como professor Permanente. Doutor em Ciências Socioambientais (2010) pelo Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA/UFPA).

País: Brasil **Estado:** Pará **Cidade:** Belém

E-mail: claychagas@yahoo.com.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-4223-0192>

Contribuições dos autores: Pedro Mota, na condição de Autor Principal, participou ativamente da concepção e delineamento do estudo, da análise e interpretação dos dados e da redação do manuscrito ou revisão crítica do conteúdo. Clay Chagas, na condição de Co-autor, contribuiu com a concepção e delineamento da pesquisa e com a análise e interpretação dos dados, além de realizar a revisão da produção na função de orientador do artigo, sendo este trabalho o resultado da dissertação de mestrado desenvolvida em conjunto com o autor principal.

Agências de fomento: Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas.

Agradecimentos: Agradeço as orientações do professor Clay Chagas, Willame Ribeiro, Wallace Pantoja e minha queridíssima professora Joseli Maria Silva, considerados nesse trabalho, que foram de total importância para o desenvolvimento das reflexões e análises dissidentes oportunizadas pela pesquisa.

RESUMO

No bairro da Terra Firme, a precária urbanização que se deu de forma acelerada na cidade de Belém, provocou uma constância de violências sociais nas periferias, como a morte expressiva de jovens homens no contexto da violência urbana. Implica expor uma relação direta entre as relações de gênero e sexualidade e criminalidade. O objetivo da pesquisa consiste em analisar a dinâmica socioespacial entre a violência urbana

e as sociabilidades que reproduzem jovens na periferia da Terra Firme. Utilizando o método quanti-qualitativo, foram desenvolvidos levantamentos bibliográficos; análise documental; e trabalhos de campo com aplicação de entrevistas. Constatou-se que o índice de homicídios com vítimas do sexo masculino é elevado, bem como existe uma concentração das ocorrências dos assassinatos envolvendo o sexo masculino em zonas de comércio e serviços. Identifica-se a homosociabilidade na periferia como reprodutora de jovens homens ligados à violência, demonstrando as implicações de Políticas Públicas de contenção à violência na cidade que considerem as relações de gênero e sexualidade na formação da sociedade.

Palavras-chave: Homosociabilidade. Sexualidade. Periferia. Performatividade de gênero. Programa Territórios Pela Paz.

YOUNG MEN AND VIOLENCE IN THE CITY: THE RELATIONSHIPS BETWEEN SEXUALITY AND URBAN SPATIALITY IN AMAZON OF PARÁ

ABSTRACT

In the Terra Firme neighborhood, the precarious presence in the rapid urbanization of the city of Belém has led to a constant occurrence of social violence in the outskirts, such as the high mortality rate of young men within the context of urban violence. This implies a direct relationship between gender and sexuality relations and criminality. The objective of this research is to analyze the socio-spatial dynamics between urban violence and the social interactions that reproduce young people in the outskirts of Terra Firme. Using a mixed-method approach, bibliographic surveys, document analysis, and fieldwork involving interviews were conducted. It was found that the homicide rate involving male victims is high, and there is a concentration of murder cases involving men in commercial and service zones. Homosociability in the periphery is identified as a reproducer of young men linked to violence, demonstrating the implications for public policies aimed at violence containment in the city that consider gender and sexuality relations in the formation of society.

Keywords: Homosociability. Sexuality. Outlying ghettos. Gender performativity. Territórios Pela Paz Program.

Data de Recebimento: 29/09/2023 **Data de Aprovação:** 24/11/2023

DOI:10.31060/rbsp.2026.v20.n1.2013

INTRODUÇÃO

Os Anuários Brasileiros de Segurança Pública (FBSP, 2019, 2021, 2022), acerca dos Crimes Violentos Letais Intencionais, apresentam que 90% dos homicídios no país são referentes ao sexo masculino, sendo essas vítimas na faixa-etária de 12 a 29 anos, com mais de 80% referentes a corpos negros. Nesse cenário, no ano de 2020, a região Norte expôs uma crescente de 47,3% nas mortes violentas e, em 2021, estados que compõe a Amazônia apresentaram um crescimento dessa violência, seguindo o mesmo padrão de perfil de quem mais morre: homens, jovens, negros e de regiões periféricas.

Nesse cenário, o bairro da Terra Firme, periferia localizada na cidade de Belém (PA), apresenta uma taxa de mortalidade que segue o padrão nacional com 91,82% referente ao sexo masculino do quantitativo de homicídios, levando em consideração o homicídio doloso, morte por lesão corporal e latrocínio, os Crimes Violentos Letais Intencionais, estreitamente ligados ao tráfico de drogas ou roubo por questões de vulnerabilidade socioeconômica.

A partir dos dados disponibilizados pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará, foram expostas relações que cultivavam uma cultura da violência em espaço urbano entre homens que performavam a sexualidade masculina no bairro da Terra Firme. Isto posto, destacam-se 182 mortes de homens entre os anos de 2014 a 2021, em detrimento de 16 mortes violentas de mulheres nesse mesmo período. Pinto, De Oliveira Ribeiro e Chagas (2024), apontam que as relações entre papéis de gênero, sexualidade e espacialidade foram fatores fundamentais na violência representada nesses dados, o que chamam de homossociabilidade, as relações entre jovens homens heterossexuais pautada na admiração e exemplo.

Há assim uma fragilidade de políticas públicas entre os anos de 2014 a 2018, para a segurança na região Norte, evidenciado no decorrer desta pesquisa, comparando-a com relatórios nacionais de violência urbana, em específico no Pará, estado que perpassa pelas relações do narcotráfico (Couto, 2012) e também da precária infraestrutura e segurança pública de espaços periféricos (Chagas, 2014). Para a promoção de políticas nessa linha de raciocínio, se faz pertinente analisar, constitucionalmente, as diretrizes para a construção de intervenções territoriais políticas no que tange a violência urbana exposta.

Em 2019, como uma das políticas públicas para a contenção da violência nas periferias da região Metropolitana de Belém, o Governo do Estado do Pará implementa o Programa Territórios Pela Paz (TerPaz), que realiza ações de cidadania, segurança, saúde, esporte, lazer e qualificação profissional em sete bairros do espaço metropolitano de Belém: Guamá, Jurunas, Terra Firme, Benguí e Cabanagem, no município de Belém; Icuí, em Ananindeua; e Nova União, no município de Marituba.

“Com policiais, mas não só com policiais” foi a frase expressada pelo então Governador do Estado, Hélder Barbalho, ao inaugurar a Usina da Paz, no bairro da Terra Firme, um projeto que ramifica do programa TerPaz, construindo um complexo de serviços de cidadania, com promoção de cursos, formações profissionais, esporte, educação, dentre outras esferas. A frase do então governador do estado corrobora para o ideal de planejamento urbano sob a ótica da segurança pública, visto que o projeto coordenado pela Secretaria Estratégica de Articulação da Cidadania (Seac) compreendeu a contenção da violência nos bairros periféricos, através da inserção do estado para além do policiamento.

Assim, o estudo tem por objetivo analisar a dinâmica socioespacial entre a violência urbana e as sociabilidades que reproduzem jovens na periferia da Terra Firme. A metodologia construída de forma imersiva com aplicação de entrevistas e vivências cotidianas no bairro da Terra Firme, bem como a análise de dados disponibilizados pelos órgãos institucionais do estado do Pará referente a violência urbana e instrumentos públicos de fomento a cidadania.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de um método quanti-qualitativo em um estudo de caso, observou-se a necessidade de compreender tanto as linhas teóricas e quantificáveis do problema exposto bem como a imersão qualitativa em campo. Assim, para o processo da pesquisa, se fez necessário partir de levantamento bibliográfico, voltado ao aprofundamento teórico nos principais conceitos e discussões estruturantes da pesquisa, como: violência urbana, sexualidade de jovens homens e políticas públicas de contenção à violência. Se fez a imersão em levantamento documental, desenvolvido em três frentes distintas:

a) referente à utilização de documentos e textos que contribuíssem ao entendimento da formação e condição da periferia da Terra Firme, no contexto da metrópole de Belém, seus principais dados de infraestrutura e localização;

b) voltado à caracterização socioeconômica do bairro da Terra Firme, tomando por base principalmente dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, especialmente relativo ao Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011).

c) condizente com levantamento dos dados de homicídios no bairro da Terra Firme, de 2014 a 2021, e sua distribuição por gênero, junto à Secretaria de Inteligência e Análise Criminal – Siac, integrante da estrutura da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará – Segup/PA, e também no complexo Usina da Paz Terra Firme. Os dados analisados foram os de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI), isto é, crimes que têm por resultado a morte.

A proposta de trabalhos de campo e aplicação de entrevistas se realizaram na periferia da Terra Firme, com vistas à obtenção de informações necessárias às representações cartográficas, ao levantamento fotográfico e ao contato com sujeitos da pesquisa, entrevistando os moradores do bairro que vivenciaram violências ou que foram próximos ao público que foi diretamente atingido pela violência urbana.

O artigo está estruturado em quatro partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira refere-se à discussão da periferia da Terra Firme, no intuito de compreender a realidade do bairro no contexto da Metrópole de Belém; a segunda e a terceira partes versam sobre os debates em gênero e sexualidade na violência urbana; por fim, a discussão acerca das políticas públicas implementadas a partir do Programa Territórios pela Paz.

A CONDIÇÃO SOCIOESPACIAL PERIFÉRICA DA TERRA FIRME

A periferia pode ser compreendida, pautando em Corrêa (1986) enquanto um espaço resultante das reproduções dos grupos sociais que a habitam, sendo esses grupos majoritariamente de poder aquisitivo baixo, negros, mães de família, de sexualidades outras e proletariados da Metrópole. Somando-se a presença do corpo na produção espacial, não somente pela ótica econômica, mas também pelo seu viés social e biológico da produção do capital (Silva, Ornat e Junior, 2019).

Esses sujeitos tendem a adaptar-se, diante da ausência de alternativas, ao contexto periférico. Na reprodução de classes e frações de nichos sociais, traduzindo-se em consciência das desigualdades sociopolíticas e espaciais (Corrêa, 1986; Souza, 2002, 2003). Segundo De Campos e Silva (2020), a experiência humana é, de forma simultânea, corporificada e espacializada, compreendendo a diferença das corporalidades que compõe esse processo.

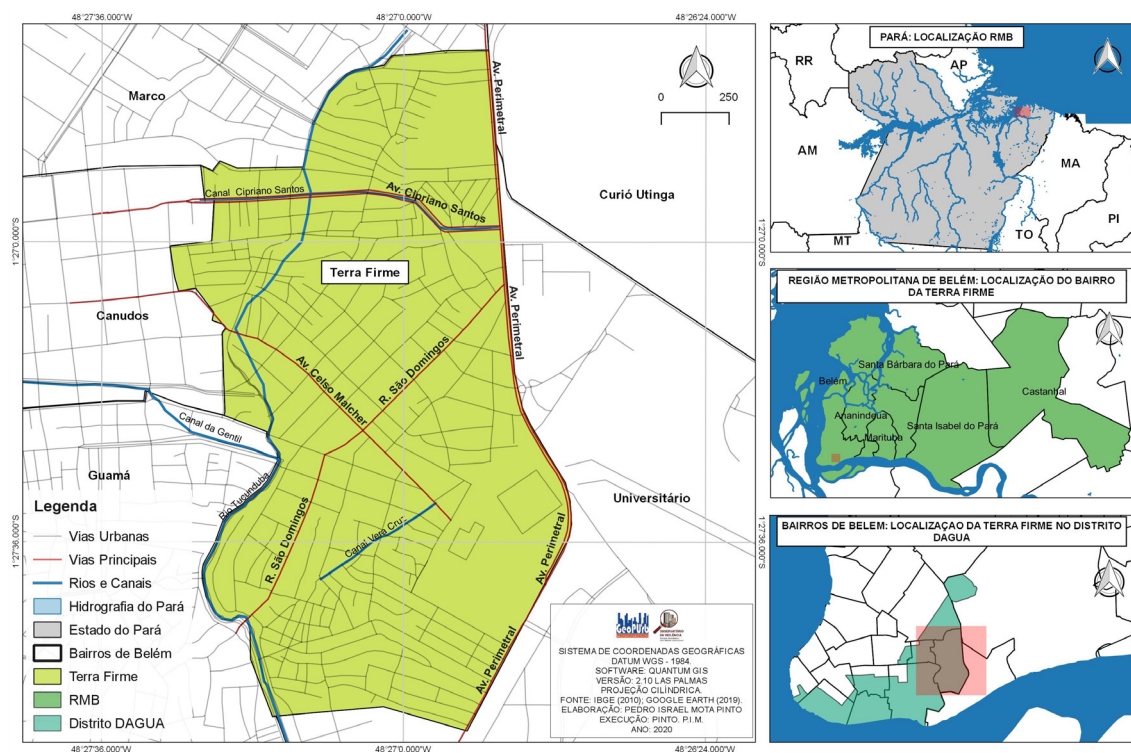
Neste sentido, a concepção de periferia e marginalização não está associada ao grande distanciamento em relação ao centro da cidade ou ao espaço metropolitano, mas à condição socioespacial de precariedade que assinala muitos espaços, na maior parte dos casos, distanciados da área central, mas não necessariamente. Para Chaveiro e Anjos (2007, p. 183): “a periferia possui um cotidiano específico, bem como uma modalidade de tempo social que define a vida dos sujeitos. Poder-se-ia dizer que é um lugar específico de dramas sociais, de problemas e vicissitudes humanas”.

Essa conceituação é aplicável à periferia da Terra Firme, bairro *locus* da pesquisa, configurada pela população que foi “empurrada” do centro de Belém para espaços distantes, para que a cidade pudesse seguir esteticamente arrumada e financeiramente padronizada, segundo Ferreira (1995). Nesse sentido, o bairro contém uma série de variáveis que solidificam sua identidade e também alimentam o estereótipo de bairro periférico. A violência e a criminalidade estão entre essas variáveis.

A Figura 1 localiza o bairro da Terra Firme no município de Belém. Ele se encontra no centro de um setor da cidade composto por outros grandes bairros periféricos e populosos. Atravessado por vias principais e estratégicas, o bairro se conecta também ao chamado Cinturão Institucional, composto pela Universidade Federal do Pará, pela Universidade Federal Rural do Amazônia, pela Embrapa e pelo Centro de Pesquisa do Museu Emílio Goeldi, entre outras instituições.

FIGURA 1

Belém. Localização do bairro da Terra Firme (2020)



Fonte: Laboratório de Geografia da Violência e do Crime.

Essa posição estratégica corrobora para a facilidade de acesso ao bairro e, por conseguinte, à sua economia, especialmente relativa a comércio e serviços, tanto formal quanto informal. Entretanto, também se pode ressaltar que a Terra Firme, a despeito do seu nome, se encontra em área de várzea. Nesse sentido, as características geomorfológicas de Belém também devem ser levadas em consideração na busca de entendimento do processo de ocupação da cidade.

No bairro da Terra Firme, segundo Ferreira (1995), esse processo de ocupação ocorreu às margens de rios e igarapés, onde era possível encontrar áreas de terras firmes para poder consolidar moradias habitáveis para a sobrevivência da população. Essas áreas, na sua grande maioria de várzea, funcionaram como alternativa à população mais pobre.

Por conta dessa dinâmica, o estado passou a efetivar constantes ações de aterramento de diversos corpos hídricos (Ferreira, 1995), mas com muita dificuldade e de elaboração duvidosa, de aterramentos com lixo, caroços de açaí, cascas de castanha e serragem. O bairro tem como principal bacia hidrográfica o rio Tucunduba, a segunda maior bacia de Belém-PA, fator este que corrobora com as demandas de macrodrenagem e saneamento básico exigido pelo espaço e pela população do bairro.

A configuração desses espaços precarizados influencia no aumento da violência e da criminalidade (Chagas, 2014). Podemos analisar, com os trabalhos de campo efetivados no bairro, que esse processo de periferização abrange boa parte da Terra Firme, fazendo com que esses espaços se tornem pontos propícios aos homicídios, ao tráfico e às relações violentas. Todavia, podemos observar também que a própria periferia procura ser resistência, promovendo movimentos sociais que têm como base a educação da juventude do bairro, tentando reverter a presença precária do Estado nas relações sociais; porém, pouca coisa pode ser feita pelo espaço físico.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO, GÊNERO/SEXUALIDADE E VIOLÊNCIA

Para tecer um debate interseccional, isto é, o estudo da sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação, propomos compreender as questões de gênero e sexualidade de acordo com as opressões socioespaciais que produzem o espaço, as quais se relacionam com a violência. Essa produção do espaço, segundo Silva (2016) é resultado das relações entre corpo e espaço que são negligenciadas tanto socialmente como cientificamente na produção geográfica brasileira.

Para Ahmed (2006), a orientação geográfica que dá forma ao espaço envolve o alinhamento entre corpo e espaço. Isto é, só sabemos para qual lado virar quando sabemos a direção que estamos posicionados. Para uma melhor compreensão, se faz necessário entender que o conceito de “orientação” perpassa pelos atravessamentos do corpo, que depende das relações de habitação para o seu mantimento. Ser familiar ao espaço é capacitar o corpo para se orientar dessa ou daquela maneira. A questão da orientação em Ahmed (2006) é uma contestação não apenas sobre estar localizado geograficamente no fazer espaço, mas de que forma, com qual intencionalidade, ou com quais atributos e ações, permanecer ou não no ponto cardeal de dada orientação geográfica, produzindo, assim, o espaço geográfico.

Nesse sentido, como esclarecido por Butler (2018) as performances, as marcas e as matrizes da ação humana estão inseridas na complexidade do espaço social, sendo relativas a diferentes propósitos, meios e sentidos. Isto é, as formas e os conteúdos aqui discutidos são as abordagens teóricas, a princípio, para compreender de que forma os agentes marcam de maneira temporal e histórica a produção do espaço periférico estudado, de acordo com as suas performances espaciais e culturais.

Sobre o conceito de performatividade, Butler (2003) pontua ser a reiteração de um conjunto de normas que são anteriores aos sujeitos. Esse modelo de normas que molda o papel de gênero compõe e influencia as relações sociais aqui analisadas. Esses papéis de gênero seriam cotidianamente retrabalhados, demonstrando sua característica de instabilidade, temporalidade e espacialidade (Ornat, 2008), tendo em vista o caráter político e histórico do “fazer” ou “construir”, em outras palavras, produzir espaço através das suas performances.

Ahmed (2006) visa à compreensão de como objetos e corpos adquirem orientações materializadas em suas performes, como eles “apontam” um para o outro, o cruzamento entre objeto e corpo que tenciona a orientação para tal lado ou para outro lado. Seguindo em como os corpos são sexuados, sexualizados e racializados, em como eles se estendem no espaço, como uma extensão que diferencia entre “esquerda” e “direita”, “frente” e “atrás”, “para cima” e “para baixo”, bem como “perto” e “longe” (Ahmed, 2006, p. 4), não somente de localidades, mas também de contextos, situações e manifestações de relações em certos grupos sociais.

Observa-se, assim, uma coerência de padrão representativo de gênero, masculino ou feminino, construído na relação entre o seu sexo e gênero empregado na sociedade, materializando ações que influenciarão o espaço, sejam elas, neste ensaio, na luta por moradia e habitação ou na violência do cotidiano periférico. É nesse cenário que aqui se pensa a violência, o gênero e a sexualidade como dimensões políticas e sociais, por serem marcadores que moldam a sociedade.

Seguindo essa linha de raciocínio, faz-se aqui uma breve abordagem sobre heteronormatividade, sendo este um conjunto de normas que marginaliza e desqualifica qualquer outro comportamento fora do padrão heterossexual (Moura; Medeiros, 2014). Essa performatividade da heteronormatividade, que não levou em consideração as sexualidades e identidades de gênero, negligenciou por anos a visão e materialização de grupos ditos minoritários, formando lacunas no entendimento de certos fatos sociais. Por exemplo, como entender a presença majoritária de homicídios do sexo masculino em áreas de serviço e homicídios do sexo feminino em áreas de moradia?

Assim sendo, esses corpos estão ligados à produção do espaço como agentes produtores de espacialidade, formando a sociedade, neste caso, a sociedade periférica (Gomes; Silva, 2016), isto é, passíveis de compreensão às explicações das lacunas sociais nas pesquisas acerca da produção do espaço. Bem como a disparidade entre masculino e feminino na violência social estudada por esta pesquisa. Ainda sobre o estudo de Gomes e Silva (2016), e levando em consideração não somente a metodologia da pesquisa, mas também a formação das relações sociais tendo como princípio a heteronormatividade, vê-se como essas normas produzem, prejudicialmente, o espaço periférico.

Os corpos no espaço estão constantemente em construção e produção, levando em consideração o pensamento de Butler (2003) e os estudos de gênero e das sexualidades na geografia (Nunes, 2019; Silva, 2022). Isso possibilita entender o modo como a formação social do bairro da Terra Firme pode estar influenciando o comportamento e a introdução na criminalidade, cuja violência faz parte, refletindo nos homicídios e nos crimes letais e intencionais destacados posteriormente.

A QUESTÃO DO GÊNERO E OS HOMICÍDIOS DE JOVENS HOMENS NA PERIFERIA DA TERRA FIRME

Conforme a pesquisa de Nascimento (2019), a juventude adulta se torna alvo da criminalidade violenta a partir de diversos fatores que a torna vulnerável a essas ações. Ademais, esses fatores fazem com que os indivíduos sejam “recrutados” pelo “mundo do crime” e se tornem expostos à violência extrema (homicídio), refletindo na formação das áreas de tensão (Nascimento, 2019). Para Aragão e Gomes (2023), há uma seletividade nos homicídios em Belém; os autores apontam que em 2018, analisando quatro bairros periféricos da cidade, de 52 corpos assassinados, 26 deles estavam entre a faixa de 18 e 29 anos, sendo

100% do sexo masculino. Ainda, os autores colocam que a “propensão de condutas desviantes” das juventudes poderia ser um dos fatores desse dado.

Assim, foram analisados os dados fornecidos pela Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal (Siac) referentes aos homicídios registrados no bairro da Terra Firme, nos anos de 2014 a 2018. Nestes anos, a periferia contabilizou 157 homicídios (Siac/Segup), sendo 93% das vítimas do sexo masculino e 7% do sexo feminino. Essa disparidade entre os sexos compõe um importante elemento a ser compreendido, assim como a violência contida nesses assassinatos, com mais de 90% cometidos por arma de fogo.

Em 2014, das 32 mortes registradas, apenas uma conferia ao sexo feminino. Em 2015, o número de homicídios catalogados foi de 23, sendo quatro designados ao sexo feminino. Em 2016, das 27 mortes registradas, novamente houve apenas uma referida ao sexo feminino. Em 2017, essa dualidade some, sendo 26 assassinatos conferidos somente ao sexo masculino. Em 2018, foram registrados os maiores números de homicídio no bairro da Terra Firme, com 49 registros: desse quantitativo, apenas cinco foram contabilizados como referentes a vítimas do sexo feminino.

Pode-se perceber, assim, que o sexo masculino registrado pelo Siac corrobora com o entendimento do que está sendo tratado neste estudo. O ser masculino é estatisticamente mais marcado pela criminalidade, seja pelo envolvimento com o tráfico ou pelo quantitativo de assassinatos. Diferente de Silva e Gomes (2023), aborda-se esse expressivo marcador de jovens homens na materialização dessa territorialidade da masculinidade nociva também como um importante indicador de desvio de conduta por parte de homens que performam uma masculinidade violenta.

Nos estudos de Rossi (2011) e de Gomes (2011), ao analisarem grupos de jovens homens em conflito com a lei, as construções sociais e espaciais elevam a expressão da sexualidade de homens envolvidos com a violência. Provocando uma leitura para além dos dados quantitativos, abordam a subjetividade violenta do construto desses jovens. Em suas narrativas, pode-se analisar a performatividade comumente citada entre os autores ao expressarem a materialização das masculinidades nas estatísticas de mortes violentas.

Os dados expostos geram a reflexão sobre o modo como a produção espacial pautada na violência condiciona o sexo masculino a uma expressão de gênero muito mais violenta e socialmente atrativa com relação à criminalidade. A masculinidade heteronormativa seduz a juventude para uma relação social atribuída da necessidade de se expor à criminalidade, isto é, o ser homem perpassa por essa afirmação de ser forte e não ter medo. Visto as características socioespaciais do bairro periférico serem muito mais propícias ao contato com o crime, o sistema do tráfico de drogas e as facções relacionadas (Couto, 2012), as relações sociais cultivadas na sociedade são contribuintes dessa realidade.

Segundo Chagas (2014), é possível apontar diversos fatores no espaço urbano, com mais intensidade em áreas periféricas, que podem contribuir para o aumento da violência, como a exclusão social, a pobreza e a favelização. Nestes termos, as periferias, precariamente atendidas pelo poder público, tornam-se mais propícias ao estabelecimento do crime e da violência social. O processo de periferização produz novas territorialidades, entre elas a territorialidade da violência e/ou da criminalidade. Essa relação espacial causada pelo poder (nesse contexto, o poder do crime) constrói sociabilidades pautadas nas drogas comercializadas nas baixadas, nos conflitos dentro dos campos de futebol e nos relacionamentos afetivos.

Na Tabela 1, é possível identificar o quantitativo de adolescentes, jovens e adultos dentro das estatísticas de homicídios. Segundo o IBGE (2020) são consideradas jovens as pessoas de 15 a 24 anos de idade. Partindo disso, pode-se observar que no ano de 2018, 21 jovens foram assassinados na Terra Firme, o maior quantitativo de homicídios da juventude em um ano.

TABELA 1**Bairro da Terra Firme. Homicídios por Idade (2014-2021)**

Homicídios por Idade no Bairro da Terra Firme							
	0-11	12-17	18-24	25-29	30-34	35-64	Não Informado
2014	1	4	12	6	5	5	1
2015	0	1	9	3	4	4	3
2016	0	2	6	2	4	9	5
2017	0	0	8	5	2	12	1
2018	0	4	17	7	6	8	7
2019	0	2	6	2	2	6	0
2020	0	0	1	6	0	1	0
2021	0	1	4	5	1	1	1

Fonte: Siac/Segup.

A questão de gênero e a violência se tornam ligadas intrinsecamente às juventudes, quando apontamos, através dos dados, a forte participação do sexo masculino de jovens. O gênero possibilitou a criação de modelos sociais os quais influenciaram a construção do território, este refletindo diversas variáveis sociais que estão relacionadas a valores culturais, sociais, econômicos, políticos e morais (Chagas, 2014), resultando na violência representada nos dados expostos.

Para Rossi (2011) e Gomes (2011), devido ao modo como constroem suas identidades a partir de referenciais da masculinidade, homens jovens buscam em estereótipos adultos de outros homens, articulado ao desejo de consumo, o vício e as práticas ilícitas reconhecidas hegemonicamente como perigosas ou danosas ao futuro. Na tessitura do território sistêmico e hierárquico delineado por Raffestin (1993), os nós e as redes se apresentam em campos de ações desenvolvidos no espaço. A partir desse sistema que a territorialidade se constitui, e nesse emaranhado, a masculinidade nociva se desenvolve e se funda ao social e ao cultural do imaginário de ideal da sociedade.

Essa prática, nos estudos de Leal e Da Silva (2022), se configura pela relação de referências e trocas sociais entre pessoas do mesmo sexo, não sendo esta uma relação de afeto ou sexual, mas sim de conflitos, como de quem domina mais, quem tem mais força, mais coragem, etc. Isto é, relações de conflitos de poder. Isto pode ser chamado de homossociabilidade, que se constitui mediante ao combate dos aspectos que

associam os homens às mulheres (Leal; Da Silva, 2022), não sendo uma relação de afeto, mas de admiração e exemplificação entre jovens homens. Além do combate aos traços ditos femininos, há um “direito à violência” ao homem viril, visto que muitos exemplos entre os jovens são de homens que performam a masculinidade violenta para se impor e se reafirmar enquanto homens.

A violência, por sua vez, é um marcador com algumas lacunas, devido ao preconceito gerado ao redor dessa temática, quase sempre sendo simplificada pelas condições socioeconômicas, tentando se demonstrar que os crimes são inerentes às regiões mais pobres da cidade. Contudo, outros fatores favorecem e caracterizam a violência, como exemplifica o estudo do bairro da Terra Firme, ao se realçar fatores como a espacialidade e as particularidades dessa periferia, o que depende das relações sociais entre os gêneros e da construção das territorialidades.

A RELAÇÃO ENTRE MASCULINIDADE NOCIVA E A ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS NA TERRA FIRME

Como bem salienta Butler (2003), entende-se o sexo como moldado por um sistema social que constrói não somente a identidade do sexo, mas também os seus posicionamentos em sociedade. Isto é, a sexualidade não consiste somente no fato ou na condição estática de um corpo, mas também num processo no qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma afirmação forçosa dessas normas. Isto remete aos papéis de gênero construídos culturalmente entre homens e mulheres (Silva, 2007) e que não se separam das relações de criminalidade na periferia em questão.

Desse modo, busca-se efetivar uma leitura para além das amarras conceituais hegemônicas, compreendendo as experiências, performances e materializações do gênero e das sexualidades enquanto fatores essenciais na modelação do espaço geográfico (Silva e Souza, 2022). Não negando as teorias existentes, mas as aprimorando conforme uma realidade outra, exposta pelos grupos negligenciados que também fazem parte da tríade de violência-periferia-(in)justiça espacial.

Existe assim, aqui, uma preocupação com os fatores que corroboram com a construção das sexualidades e suas consequências pessoais e sociais, para que os resultados ratifiquem ou não a importância existencial dos grupos em questão. Estes geralmente estão ausentes dos temas considerados importantes para a geografia científica, como apontado incisivamente por Silva (2003, 2009). E assim como a autora, considera-se que, além de merecerem a atenção dada, provocam também questionamentos sobre a metodologia hegemônica na geografia, visto que colocam em questão os instrumentos utilizados para responder aos questionamentos sobre a realidade socioespacial complexa e não evidente materialmente no campo em análise, a periferia.

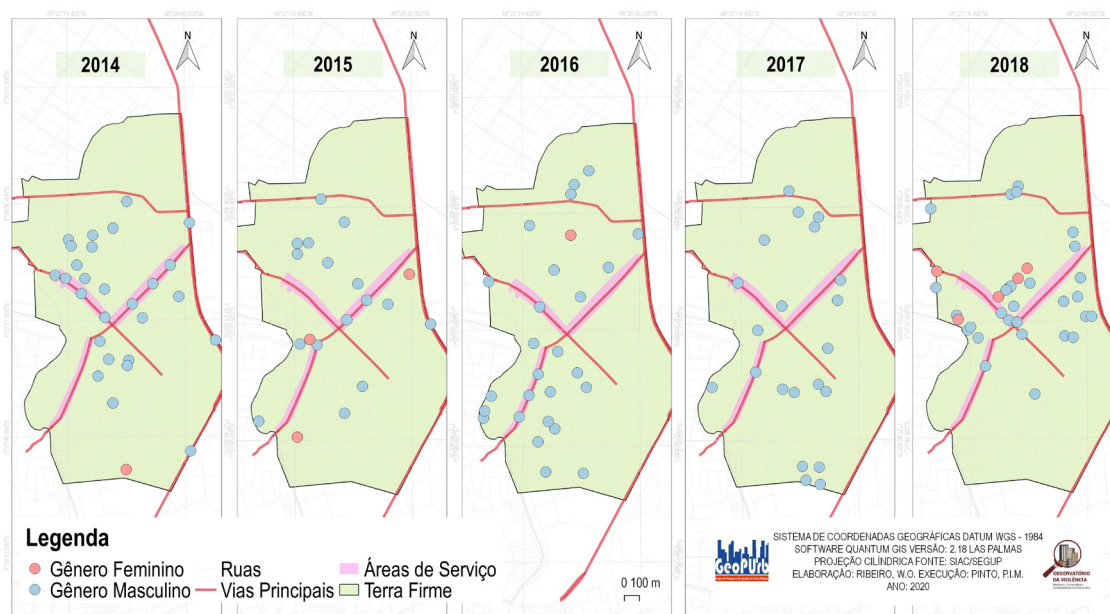
Nessa perspectiva, Gomes e Silva (2016) compreendem como a criminalidade e a violência encontram na masculinidade uma chave de compreensão eficaz, ou seja, se fortificam na construção, por exemplo, da masculinidade rígida, que se atrai pelo que é marginal e perigoso. Mais além, o uso de drogas (e suas ramificações) estão vinculadas em uma trama de acordos masculinos, agenciamentos organizados por triangulações de grupos heterossexuais coesos e contínuos. Ou seja, formalizando laços entre o ser masculino e a sua relação com a criminalidade e, consequentemente, com a violência.

Além disso, os autores complementam que a inter-relação entre performances de masculinidades violentas, redes de amizade local e territorialidade do tráfico de drogas posicionam o grupo em questão como vulnerável ao homicídio. Prosseguindo, segundo os estudos de Silva (2007), baseada em outros autores que também trabalham o tema, inversamente, sobre a feminilidade, há muito tempo o modo de concepção de cidade aprisiona as mulheres em determinados lugares ao separar as áreas comerciais, industriais e residenciais, acentuando a divisão do trabalho entre os sexos. Isso também se reflete no comportamento dos dados em relação à criminalidade e ao homicídio, trazendo de forma significativa a presença do sexo masculino em detrimento do feminino.

Retomando a análise da realidade concreta do bairro da Terra Firme, na Metrópole de Belém, a Figura 3 evidencia uma intensidade de homicídios com vítimas do sexo masculino nas áreas de serviço do bairro da Terra Firme, com destaque às vias principais e seus entornos. As vítimas de homicídios do sexo feminino, além de em número muito reduzido em relação ao sexo masculino, estão, em geral, localizadas em espaços de moradia. Essa espacialização corrobora com o entendimento de que as áreas condicionadas aos sexos são produzidas e influenciadas através do papel de gênero já discutido nesse trabalho.

FIGURA 3

Terra Firme/Belém. Espacialização dos Homicídios por Gênero Masculino e Feminino (2014-2018)



Fonte: Siac/Segup.

Reafirmando o que já foi indicado, a Figura 3 expõe não somente a localização dos homicídios em áreas condicionadas às respectivas sexualidades, mas, além disso, permite observar cartograficamente o quantitativo dos homicídios, como no ano de 2017, quando nem mesmo se identificou homicídio com vítima do sexo feminino. Infere-se que as relações sociais de gênero podem ser maléficas quando se envolve a criminalidade e a violência com o cultivo do ser masculino, majoritariamente jovem/adulto, como uma constituição da juventude.

Assim sendo, de acordo com os participantes das entrevistas realizadas, que norteiam as novas perspectivas que surgiram no decorrer da pesquisa. De início, 60% dos participantes do estudo declararam que SIM, ser homem ou ser mulher influenciou nas suas escolhas na adolescência/juventude, em relação ao mundo da violência:

Convivência direta, afinal o bairro não é muito grande. Muitos se conhecem, daí vem a camaradagem de “usai aí”, “vamos ali”, “dá apoio aqui” (Participante 8 – Gênero Masculino).

Desde a adolescência gostava de matar aula pra passear pelas praças de Belém, gostava de fumar cigarro, sentar na praça, pegar vento, beber uma água de coco, dar boas risadas com amigos, e já adolescente mesmo já fumava maconha com os amigos (Participante 1 – Gênero Masculino).

Além disso, se faz compreender que a inter-relação entre performances de masculinidades violentas, redes de amizade local e territorialidade do tráfico de drogas posiciona o grupo em questão como vulnerável ao homicídio.

PROGRAMA TERRITÓRIOS PELA PAZ E A VIOLÊNCIA URBANA ENTRE JOVENS HOMENS

A precária presença do Estado nos serviços de saneamento básico em áreas mais afastadas do centro do bairro e das instituições públicas influencia a expansão da criminalidade para as áreas de periferização, como também destaca Chagas (2014). Nos estudos de Silva e Gomes (2023), as ações de intervenção à violência, como respostas do sistema, são analisadas a partir dos Programas Plurianuais (PPAs) (2016-2019). Nesse contexto, os programas encontrados foram: Segurança Pública (SG), tendo como objetivo reduzir a violência e a criminalidade; Cidadania e Direitos Humanos (CDH), com o objetivo de promoção de direitos humanos; Proteção e Desenvolvimento Social (PDS), objetivando o fortalecimento da implementação de políticas públicas voltadas à redução do analfabetismo e à universalização da educação infantil em cooperação com os entes federados; por fim, Trabalho, Emprego e Renda (TER), fomentando a economia solidária e o empreendedorismo.

Esses PPAs tiveram como objetivo a redução da pobreza e das desigualdades, mas não levou em consideração as políticas transversais como também um direcionamento (Silva; Gomes, 2023). A partir dos dados dos resultados positivos e negativos quanto ao alcance dos objetivos dos PPAs, observou-se que não houve de fato a inserção da transversalidade e da intersectorialidade da construção e efetivação dos programas, bem como a não adoção da intergovernamentalidade, que se descentraliza a prevenção à violência urbana (Silva; Gomes, 2023).

Este estudo se propõe analisar o Programa Territórios Pela Paz (2019-2023) e pontuar as medidas de contenção à violência que tiveram diferença de projeção em comparação aos processos anteriores de PPAs. A começar pela adoção de intersectorialidade, transversalidade e intergovernamentalidade. Assim, podendo salientar se a diferenciação dessas ações foi positiva ou não, na contenção da violência urbana no Pará.

Para Mota, Do Nascimento e Chagas (2024) um projeto que busca a paz urbana de territórios imbuídos de violência, o Programa Territórios Pela Paz, visa então “reduzir a violência urbana através da oferta de

serviços públicos de qualidade por meio do adensamento da infraestrutura de suporte em área diagnosticada como carente e com necessidades urbanísticas e de serviços”, como afirma, em entrevista semiestruturada, um dos fundadores do projeto, sendo este responsável pela implantação e gerência das Usinas da Paz no Estado do Pará, o Coronel Marcos Lopes.

Para a compreensão desse projeto, de suas particularidades, o Coronel Marcos Lopes apresentou toda a estruturação do que fora idealizar e pôr em prática uma nova configuração de contenção à violência em bairros periféricos, sobretudo no contexto amazônico. Para iniciar, era então necessária a retomada do domínio territorial pelo Estado de boa parte desses bairros em Belém, mas não somente de promoção de segurança pública através de policiamento, mas também através da participação cidadã, do controle e da parceria social.

Nessa esfera, foram cotados territórios com maior densidade demográfica, maior índice de crimes violentos e com uma densidade urbana que dificultava a mobilidade urbana, implicando na menor taxa de regularização fundiária; dentre esses bairros, se apresenta a Terra Firme, lócus desta pesquisa. O programa perpassa pela oferta de serviço de múltiplas áreas, contando com a participação de secretarias do Estado que atuam em conjunto para promoção da paz urbana, através do domínio do território pelas Usinas e pelas ações do programa que se iniciam antes mesmo da implementação do complexo físico, a Usina.

Sobre o público-alvo, salienta-se a busca por dois públicos que são diretamente ligados aos debates traçados neste trabalho, sendo: as mulheres em situação de vulnerabilidade e violência, provedoras da família; e jovens de 15 a 29 anos. Para esses públicos, a Usina provém cursos profissionalizantes e espaços de lazer para que possam se chegar e permanecer com as estratégias traçadas pelo programa. Em entrevista com o Gestor da Usina do Icuí-Guajará, João Gabriel, observa em sua fala que os homens caminham para as atividades esportivas, como o futebol, e as mulheres para os cursos profissionalizantes, que são mais próximos das “atividades femininas”, como a gastronomia, a informática e o artesanato.

Os dados das ações e resultados da implementação das Usinas ainda estão em produção, devido aos anos em que foram implementadas serem ainda de curto prazo para resultados mais consistentes, mas, segundo os dados do Anuário da Violência de 2023, os crimes violentos tiveram uma queda considerável entre os anos de 2019 a 2022. Mas ainda assim as estatísticas apontam a manutenção majoritária da morte de jovens homens. Para este estudo, se fará necessário um debate com ações efetivas que possam dirimir o que seria “atividades femininas” ou que tenham o foco direcionado para a mulher, mas também conciliar debates e atividades que desconstruam o que é ocupação de homem e ocupação de mulher.

Espacialidade das drogas, territorialidade e dinâmicas do narcotráfico e masculinidade nociva se inter-relacionam (Gomes, 2011); essa realidade que se apresenta é que essa linha pontifica relações vinculadas ao uso de drogas, morte e violência entre jovens que reproduzem masculinidade nociva em localidades específicas. No estudo de Gomes (2011), a rua emergia, através da Metodologia da Evocação, por meio das narrativas de jovens infratores que tinham nessa localidade a materialidade da violência através das relações cultivadas.

Além disso, a rua, para Gomes (2011), se comporta como um duplo de “sujeição-espço”, isto é, um lugar onde se promove a repetição de normas que conduzem certos saberes, e que conecta os modos de falar e entender do sujeito que é homem “de verdade”. A disputa de coragem e a prova no que tange a “palavra de homem” são construtoras de territórios que demandam do mais forte a virilidade de “ser homem”, o

qual irão temer. Nas evocações expostas por Gomes (2011), a rua era o cenário onde as masculinidades necessariamente se reafirmavam para o mantimento das territorialidades baseadas nas tensões que suas performances causavam para essa finalidade.

Buscando uma compreensão abrangente no que concerne a essas práticas, Gomes (2010) baseado também em Foucault (1987), expõe que “as regras que codificam, [...] são realizadas por meio de práticas repetitivas de poderes disciplinadores e normalizadores”, isto é, “biopoder”, “governamentabilidade” e “dispositivos”, pontuados por Foucault (1987). Sendo essas regras impostas na formação da masculinidade desses jovens homens, essencialmente em sociedades nas quais a violência é tida como uma defesa, uma consequência da sobrevivência em territórios hostis, para a fraqueza de homens não violentos, assim forma-se um urbanismo militarizado.

Graham (2016), Saquet (2020) e Souza (2015), sobre urbanização militarizada, apontam o espaço urbano como esse planejamento da cidade que perpassa pelo imaginário da guerra, uma constante guerra entre (P) poderes, as cidades como campos de batalha (Graham, 2016, p. 73). Assim se dá a contenção da violência em bairros marginalizados, com alto índice de violência através do quantitativo de crimes violentos, como o bairro da Terra Firme (Chagas, 2014).

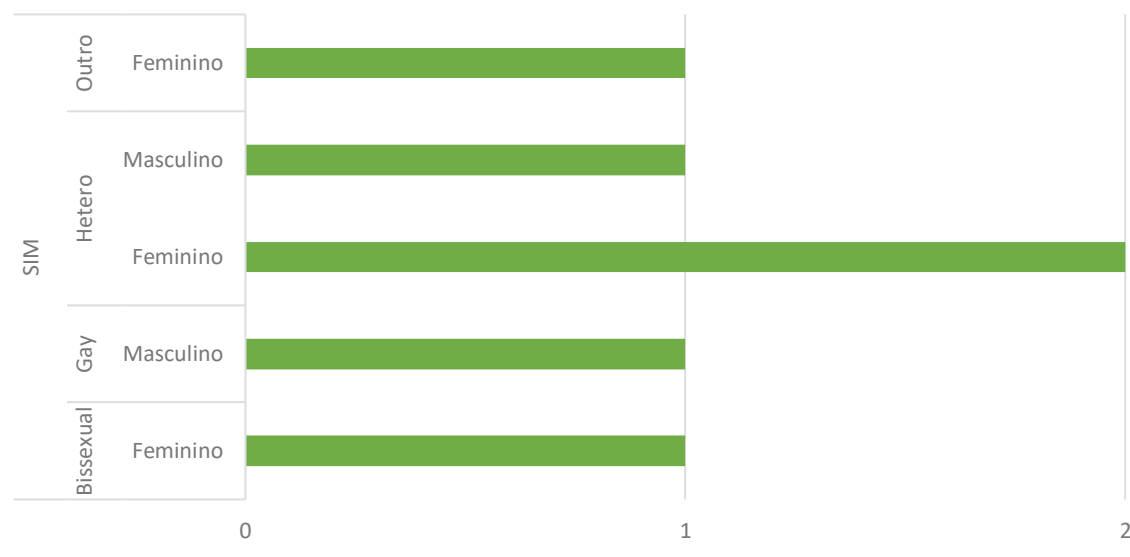
Rossi (2011) também pontua que os homens jovens atribuídos dessa masculinidade nociva ligados à violência urbana recriam um imaginário ideal de ser homem, tendo este que se manter firme e temido diante da marginalidade das relações violentas advindas do tráfico de drogas e da sobrevivência na cidade. Na abordagem (i)material do território (Saquet, 2020), se entende a relação de território (físico e ideológico), a partir dos processos político-econômicos e culturais ligados ao desenvolvimento territorial (Saquet, 2020) e também da constituição violenta das relações do corpo (Ahmed, 2006; Silva, 2009).

Por conseguinte, na formação de uma cidade violenta, com características de desqualificação e intervenção ao que não se padroniza ao gênero e sexualidade que lhe é atribuído ao nascer, são transgressores da cidade, tensionando os territórios de agentes modeladores (Silva, 2009). Sendo os corpos transgressores, moldado dentro de um conjunto de normas rígidas do que é ser homem, e de como esse homem deverá proteger-se das intervenções que firam sua masculinidade.

Na pesquisa com moradores do bairro da Terra Firme, observou-se que, para a contenção da violência, existem esferas além do policiamento que são acionadas, a exemplo da atuação de movimentos sociais e ações coletivas que, através de atuações no território com arte, lazer, cultura, educação etc., buscam também sanar as problemáticas da violência. Entretanto, o público que mais é afetado por essa violência urbana não costuma se inserir em tais processos, conforme pode ser visto no Gráfico 1:

GRÁFICO 1

Terra Firme/Belém-PA. Participantes de Movimentos Sociais por Gênero e Sexualidade (2020)



Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria.

Ao serem questionados sobre participarem de Movimentos Sociais quando jovens para a contenção da violência no bairro, 60% dos participantes responderam SIM, sendo que, desse quantitativo, apenas um se afirmou do gênero masculino e sexualidade hétero. Desse modo, esse espaço de atuação e movimentação social em prol de elementos como educação, lazer, empregabilidade, cultura etc., uma sociedade de paz, que protagoniza uma atuação do sujeito em deliberar, atuar, se expressar, é majoritariamente um espaço de vivência feminina e/ou de sexualidade não-hetero.

O que para Rossi (2011) é a masculinidade violenta, que mantém e alimenta práticas nocivas; os homens heteronormativos constituem suas próprias territorialidades, retroalimentando ações e reações que os identifiquem como homens, não estando em espaços que digam, mesmo que ideologicamente, o contrário disso. Ou seja, pela sua rigidez, pouco se sentem à vontade em espaços de sociabilidade não heteronormativa ou que os faça não performar com suas masculinidades violentas. Esse exercício da força na construção da territorialidade masculina nociva se manifesta através do uso das áreas urbanas, como a rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O padrão de mortes violentas entre jovens homens está ligada à forma de produção do espaço e diretamente aos papéis de gênero construídos socialmente, formando uma dinâmica socioespacial em decorrência dos processos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos. A idade também é um fator a receber mais atenção na continuidade dessa investigação, visto que jovens e adultos aparecem com expressiva presença nos homicídios durante os anos estudados, uma vez se tratando de um espaço precário e de poucas oportunidades para a sua população mais jovem, que, nessa idade, deveria estar se dedicando à educação e ao desenvolvimento profissional, e não sendo vítima de assassinatos em decorrência do crime.

Evidencia-se também a necessidade de uma reconstrução do que se pode entender por papel de gênero imposto socialmente, inferindo que, pela análise realizada, a atual construção desse processo influenciou prejudicialmente o bairro. Quanto mais se exige socialmente do jovem masculino a virilidade, a “postura de homem”, a coragem e o mantimento da família ou do luxo, mais se condiciona esse jovem a caminhos possíveis para a reafirmação disso, nestes casos, a criminalidade foi o caminho traçado nas suas relações sociais em espaços de serviço.

Por outro lado, os condicionantes sociais do gênero feminino associam-se a manter a organização da casa, da família, dos serviços domésticos etc., direcionando-se aos espaços de moradia. Por fim, haverá de se promover uma Política Pública sob a ótica da violência urbana, para jovens homens, os entendendo como parte afetada da construção de ser homem e, dessa maneira, ter como intervenções também as dinâmicas da homossociabilidade e de questionar o ideal de ser homem nas periferias da Amazônia.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Queer phenomenology**: orientations, objects, others. Durham; Londres: Duke University Press, 2006.

ARAGÃO, Jorge; GOMES, Marcus Alan de Melo. Juventude e morte: indicadores da (des)legitimação do sistema penal em Belém-Pará. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 38-61, 2023. DOI: 10.31060/rbsp.2023.v17.n1.1470. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1470>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAGAS, Clay Anderson Nunes. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região Metropolitana de Belém. **Boletim Amazônico de Geografia**, Belém/PA, n. 1, v. 1, p. 186-204, jan./jun. 2014.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; ANJOS, Antonio Fernandes dos. A periferia urbana em questão: um estudo socioespacial de sua formação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia/GO, v. 27, n. 2, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. A periferia urbana. **Geosul**, Florianópolis/SC, n. 2, p. 70-78, 2 sem. 1986.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012.

COUTO, Aiala Colares de Oliveira. Do global ao local: a geografia do narcotráfico na periferia de Belém. **Cadernos de Segurança Pública**, Rio de Janeiro/RJ, ano 4, n. 3, maio 2012.

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019**. São Paulo: FBSP, ano 13, 2019. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-13/>. Acesso em: 11 maio 2023.

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. São Paulo: FBSP, ano 15, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2021/07/1-evolucao-das-mortes-violentas-intencionais-no-brasil.pdf>. Acesso em: 11 maio 2023.

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. São Paulo: FBSP, ano 16, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2022/07/01-anuario-2022-a-fragil-reducao-das-mortes-violentas.pdf>. Acesso em: 11 maio 2023.

FERREIRA, Carmena Fadul. **Produção do espaço urbano e degradação ambiental**: um estudo sobre a várzea do igarapé do Tucunduba (Belém-PA). 1995. 176 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, Fernando Bertani. Topografias da violência e as performances de masculinidade de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas em Ponta Grossa - PR. 307-332. *In*: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria (Orgs.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2011.

GOMES, Fernando Bertani; SILVA, Joseli Maria. Espacialidade de uso de droga de jovens do sexo masculino e os afetos da “quebrada”. *In*: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 201-222.

GRAHAM, Stephen. **O novo urbanismo militar**. Tradução de Alyne Azuma. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2019**. IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

LEAL, Leila Reis; DA SILVA, Luzia Wilma Santana. Masculinidade, comportamento violento e vulnerabilidade juvenil. **Anais da XVIII Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira**. Odeere – Órgão de Educação e Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), nov. 2022.

MOTA, Pedro Israel; DO NASCIMENTO, Roberta Carolina Maués; CHAGAS, Clay Anderson Nunes. SEGURANÇA PÚBLICA, SEXUALIDADE E PLANEJAMENTO URBANO NA AMAZÔNIA PARAENSE. **Revista Geo-Amazônia**, v. 13, n. 27, p. 125-150.

MOURA, Erick de Freitas; MEDEIROS, Cintia Rodrigues de Oliveira. **Desafiando a heteronormatividade**: interpretações sobre manifestações das organizações a favor da diversidade sexual. Anais do XVII Semead – Seminários em Administração. São Paulo, out. 2014. ISSN 2177-3866.

NASCIMENTO, Robson Patrick Brito do. **Geografia, violência e território**: uma análise sobre a territorialidade em volta dos homicídios no bairro da Terra Firme, Belém-PA nos anos de 2013 a 2017. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado do Pará, Belém/PA, 2019.

NUNES, Diego Miranda. **A produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande-RS**. 185 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande (Furg), Rio Grande/RS, 2019.

ORNAT, Marcio José. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. **Terr@Plural**, Ponta Grossa/PR, v. 2, n. 2, p. 309-322, jul./dez. 2008.

PINTO, Pedro Israel Mota; DE OLIVEIRA RIBEIRO, Willame; CHAGAS, Clay Anderson Nunes. Homossociabilidade, Masculinidade Nociva e Mortes Violentas de Jovens Homens em Belém-PA. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 2, p. 227-243, 2024.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

ROSSI, Rodrigo. Homens jovens em conflito com a lei e seus territórios urbanos. In: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria (org.). Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial. Ponta Grossa: **Todapalavra**, 2011.

SQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Consequência editora, 2020.

SILVA, Cíntia; SOUZA, Lorena. Geografia e a perspectiva interseccional de gênero e raça: corporeidade e espaços que produzem o campo científico. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 125 – 148, 2022.

SILVA, Joseli Maria Silva. Contribuições das geografias feministas nas abordagens das relações entre espaço e diferença. **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Sposito, Eliseu Savério (org.). 1. Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.

SILVA, Joseli Maria. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. (Orgs). **Geografias Malditas: Corpos, Sexualidades e Espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra, p. 143-182, 2013.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, Florianópolis/SC, v. 22, n. 44, 2007.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa/PR, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, Joseli; et al. Apresentação das jornadas sobre corpos na geografia brasileira: Trilhas equivocadas, rumos encontrados e nossas perpétuas provocações. In: SILVA, Joseli; ORNAT, Marcio; CHIMIN JUNIOR, Alides (Orgs). **Corpos e Geografias: Expressões e espaços encarnados**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, p. 17 – 42, 2023.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Dos espaços de controle aos territórios dissidentes: escritos de divulgação e análise política**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ANEXO I

ROTEIRO DE PERGUNTAS - ARTIGO TERPAZ

Qual objetivo se pretende alcançar com a realização das entrevistas?

- Compreender os objetivos e os caminhos da implementação do Programa TerPaz através dos gestores de diversos níveis do programa;
- Analisar de que forma o Programa consegue alcançar seus objetivos, e quais as principais dificuldades para alcançá-los;
- Observar como os gestores pensam, atuam e constroem o Programa.

Quadro de Perguntas

Qual a origem da ideia da implantação do Programa Territórios Pela Paz?
Qual é o diferencial do Programa TerPaz frente a outros programas de contenção a violência?
Quais os principais fatores que qualificam o sucesso do Programa TerPaz?
Quais as metas do Programa? Elas estão sendo alcançadas?
Qual o público alvo do Programa TerPaz? e qual público é alcançado?
Quais as principais dificuldades de implantação do Programa TerPaz?
Qual a diferença entre o Programa e as Usinas da Paz?
Quais são os princípios basilares de ofertas de serviços das Usinas da Paz? E o que se pretende com as ofertas desses serviços em uma Usina?

TERMO DE CONSENTIMENTO

À _____

Eu, _____, portador(a) do documento _____, E-mail _____,

declaro que as informações obtidas nessa entrevista seja utilizada pelos pesquisadores para os devidos fins acadêmicos, tudo em conformidade com o disposto na Lei n. 12.965/14 (Marco Civil da Internet), Lei n. 13.709/18 (Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD) e o Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu que instituiu o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR).

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Data